

## AGOSTO

*Por Ana Maria Vasconcelos*

*nunca cometo o mesmo erro  
duas vezes  
já cometo duas três  
quatro cinco seis  
até esse erro aprender  
que só o erro tem vez  
Leminski*

Ele coloca um vocativo bem genérico na mensagem curta. Um aviso carinhoso de que eu sou como qualquer outra. Quase um favor – “Vou sim, meu bem” –, explicando pacientemente a minha insignificância: um passo entre passos. E eu continuo esperando, é claro. Porque eu não ligo a mínima. Peço logo a cerveja, vejo um casal brigando e acho graça (por que as pessoas se casam?), leio metade de um livro do Leminski, marco o que tenho de marcar (“ela é tudo o que me sobra / sofrer vai ser a minha última obra”), ponho o casaco, para de chover, eu tiro, ele enfim aparece.

A Torre.

Implodindo meus horizontes: bombardeios mudos: cidades em pó: da nuvem caótica: ele: desesperador: impublicável: de preto, de botão: o corredor escuro da memória em riste: caminho pervertido: estrada vertical.

Ele enfim chega, ainda trazendo chuva no cabelo. Eu, atriz da novela das nove: “Opa, nem te vi! (um beijo, outro beijo) E aí? (abraço rápido) É o La vie en close, sim. (entrego o livro)”. Atriz, atriz. “Claro, leva, depois cê me devolve”. Os meus olhos ardendo, queimando, pertos demais do passado. Fixos nos botões em abismo da camisa irrespirável. Os meus olhos, duas mãos em brasa cravadas na borda do precipício, percorrendo cada ano costurado no tecido das escolhas e desabrigado na casa da saudade.

Ele abre duas delas. Sufoco. Sobrevivo.

“Como estão as coisas?”, ele solta. “As coisas”, eu penso, limpando a poeira das palavras, “não estão”. Mas respondo na mesma sujeira automática: “Tudo certo”. E visto a minha voz mais sem violência – como que pedindo, já numa provocação submissa, a antiga violência dele. Embaixo da razoabilidade inespecífica das conversas os meus olhos suplicam com duas setas grossas: “Me mostra novamente os teus imperativos brutos”. Os meus olhos imploram, alargando-se, úmidos, entregues, mas ainda em silêncio, e eu na verdade ainda lá, no bar, as pernas cruzadas de frio e de remorso antecipado. “Me machuca de novo, fundo, mais”, os meus olhos dizem desabridamente. Mas não os lábios: pedir é entre iguais, e eu quero a grande queda: estar por baixo, as mãos torcidas nas costas, a nuca imobilizada, e mais, e mais. Não suportar. E

sussurrar: "para, para, por favor". E suportar menos ainda. E gritar vários não! apertados entre dentes e dedos. Sem concessões.

Eu sigo na mudez disfarçada das conversas, a claridade das coisas ainda por baixo do colchão das palavras. Mas eu já sei e ele já sabe. Daí mais duas cervejas ele coloca um beijo na palma das minhas mãos e me manda guardar. Ainda me tratando como a mesma menina, me chamando de burra, sabendo os meus buracos. Eu sinto raiva, mas de fato guardo. Encaro o mar noturno daqueles olhos e digo que quero guardar mais. Ele entra no jogo. É claro: para ele é indolor. Eu finjo que para mim também é. Porque eu não ligo a mínima.

A noite é rápida e fatal. Um lince caçando um coelho no escuro. Na pequena morte, o lince sou eu. Amarrada, subjugada – o lince sou eu. É minha a boca faminta mordendo as tripas do equívoco – a presa escolhida. Ainda suja do sangue dos erros, ouço dois tapas nas coxas e o tiro prometido: "Bem, hora de ir". (Sem aqueles vocativos, não me venha com aqueles vocativos). "Hora de partir, Marília". (Ah, sim: ele me concede ainda uma última piedade: me individualiza: me dá existência). "Espera. Escreve em mim", eu peço. Ele assina em plurais, pétalas de dor na minha pele inteira. Eu, um buquê de chagas. Aperto os pés dele demorando a despedida, a grande morte. Mas a dança já acabou. Me visto e saio enquanto ele não vê. Porque ele não liga a mínima. Deixo o livro do Leminski com uma dedicatória ilícita e toda a pedagogia do erro grifada. Uma desculpa para voltar ali. ("– que tudo se foda,) Uma desculpa para me machucar. (disse ela,) De novo. (e se fodeu toda")